

580

Theatro Moderno

LUSO-BRASILEIRO

Collecção de comedias,
dramas e scenas comicas.

N. 28

O JUDAS

EM SABBADO D'ALLELUIA.

Comedia em 1 acto.

Silva Camacho

SEGUNDA EDIÇÃO

A' VENDA

Na livraria de Cruz Coutinho. — Edictor.

75 Rua de S. José 75

Avenda na Livraria de Cruz Coutinho.
THEATRO MODERNO LUSO-BRASILEIRO
COLLECCAO DE COMEDIAS, DRAMAS E SCENAS COMICA

- N. 1 Como os anjos se vingão, d. 1 a. C. Castello-Branco
N. 2 Embrulhadas de amor, c. em 1 a. por Rubem Tavares.
N. 3 O Dr. Gramma, comédia em 2 actos.
N. 4 O diabo a quatro n'uma hospedaria, c. em 1 acto.
N. 5 Cegueira ou bebedeira? scena dramatica.
N. 6 Um marido que é victima das modas, c. em 1 a.
N. 7 Ah! como eu sou besta! s. c. de F. C. Vasques.
N. 8 Um par de mortes, ou a vida, de um par Calembourg,
N. 9 O diabo no Rio de Janeiro, s. c. de F. C. Vasques.
N. 10 O Sr. Domingos fóra do serio, s. c. de F. C. Vasques.
N. 11 Meia hora de cynismo, c. em 1 a. de França Junior.
N. 12 As duas bengallas, comédia em 1 acto.
N. 13 Dous genios iguaes não fazem liga, c. em 1 acto.
N. 14 A afilhada do barão, c. em 2 a., por Mendes Leal
N. 15 O menino Monclar, scena comica de F. C. Vasques.
N. 16 O diabo atraz da porta, comedia em 1 acto.
N. 17 Os ratões da época, comedia em 1 acto.
N. 18 A espadellada, c. em 1 a. de Costa Lima.
N. 19 As piladas do velho Cosme, s. c. de F. C. Vasques.
N. 20 Os namorados da Julia, s. c. de F. C. Vasques.
N. 21 Uma criada impagavel, comedia em um acto.
N. 22 Os Dous ou o Inglez Machinista, c. 1 a. por Penna.
N. 23 Um quarto com duas camas, c. em a. A. S. bastos
N. 24 Quasi que se pegão, comedia em 1 acto.
N. 25 Amor e Honra, drama original em 2 actos.
N. 30 Amcambale no Rio de Janeiro s. c. do Vasques.
N. 32 O viveiro de Fr. Anselmo, c. em 1 acto.
N. 33 Effeitos do vinho novo, s. c.
N. 34 Como se perde um Noivo comedia em 1 acto.
N. 35. Um devoto de Baccho s. c. de F. X. de Novaes.
N. 36 Casar ou metter Freira, c. em 1 a. de L. Mendonça.
N. 37. Affronta por affronta, d. em 4 a. de L. de Mendonça.
N. 38. A Bengala, s. c. por Eduardo Garrido.
N. 39. A festa na Roça, c. 1 acto por Penna.
N. 40. O actor, scena comica F. X. de Novaes.
N. 41 O Beberrão, s. c. de F. C. Vasques.
N. 42. O Sr. Anselmo apaixonado p. Alcazar, do Vasques.

o JUDAS

EM SABBADO D'ALLELUIA.

Comedia em 1 acto.

POR

L. C. M. Penna.

Jose Pedro da Silva Carneiro

4/4/94

SEGUNDA EDIÇÃO

Club do Campinho

24/4/94

RIO DE JANEIRO

Na livraria de Cruz Coutinho—Edictor.

75 rua de S. José 75

1871

© 1871

REVISTA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Publicada em 1.º de Maio

Typ. de J. Lobo Vianna, Rua
d'Ajuda n. 79.

—
1871.

REVISTA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Publicada em 1.º de Maio

Publicada em 1.º de Maio

24/4/94

PERSONAGENS.

	<i>Mamma</i>	<i>A. Nolasco</i>
JOSÉ PIMENTA,	cabo de es-	FAUSTINO, empregado publico.
quadra da guarda nacional.		AMBROSIO, capitão da guarda
CHIQUINHA	<i>filhas</i>	nacional. <i>Deregu</i>
MARICOTA	<i>seu filho</i>	ANTONIO DOMINGOS, velho, <i>y</i>
LULU' (10 annos).		negociante. <i>Nasques Costa</i>

Meninos e moleques.

A scena passa-se no Rio de Janeiro, no anno de 1844.

ACTO UNICO.

Sala em casa de José Pimenta: porta no fundo, á direita, e á esquerda uma janella: alem da porta da direita, uma commoda de jacarandá (sobre a qual estará uma manga de vidro e dous castiçaes de casquinha), cadeiras e mesa. Ao levantar do panno a scena estará distribuida da seguinte maneira. Chiquinha sentada junto á mesa cozendo; Maricota á janella; e no fundo da sala, á direita da porta, um grupo de quatro meninos e dous moleques acabam de apromptar um judas, o qual estará apoiado á parede. Serão os seus trages--casaca de cõrte, de velludo, collete idem, botas de montar, chapéo armado, com penacho escarlate; tudo muito usado; longos bigodes, etc. Os meninos e moleques saltam de contentes ao redor do judas, e fazem grande algazarra.

SCENA I.

CHIQUINHA, MARICOTA E MENINOS.

CHIQUINHA. Meninos, não façam tanta bulha...

LULU' (*sahindo do grupo*). Mana, veja o judas como está bonito; logo quando apparecer a Alleluia, havemos de puchar elle para a rua.

CHIQUINHA. Está bom; vão para dentro, e logo venham.

LULU' (*para os meninos e moleques*). Vamos p'ra dentro, logo viremos, quando apparecer a Alleluia. (*Vão todos para dentro em confusão*).

CHIQUINHA (*para Maricota*). Maricota, ainda te não cançou essa janella?

MARICOTA (*voltando a cabeça*). Não é de tua conta.

CHIQUINHA. Bem o sei—mas, olha, o meu vestido está quasi prompto, e o teu não sei quando estará.

MARICOTA. Hei de apromptal-o quando quizer, e muito bem me parecer; basta de séca — cose, e deixa-me.

CHIQUINHA. Fazes bem. (*Aqui Maricota faz uma mezura para rua como á pessoa que a cumprimenta, e continúa depois a fazer acenos com o lenço*). Lá está ella no seu fadario. Que viva esta minha irmã só para namorar! é forte mania! a todos faz festa, a todos namora; e o peor é

que a todos engana... até o dia em que tambem seja enganada.

MARICOTA (*retirando-se da janella*). O que estás tu a dizer, Chiquinha?

CHIQUINHA. Eu? nada.

MARICOTA. Sim! ágarra-te bem á costura; vive sempre como vives, que has de morrer solteira.

CHIQUINHA. Paciencia.

MARICOTA. Minha cara, nós não temos dote, e não é pregada á cadeira que acharemos noivo.

CHIQUINHA. Tu já o achaste pregada á janella?

MARICOTA. Até esperar não é tarde. Sabes tu quantos passaram hoje por esta rua só para me verem?

CHIQUINHA. Não.

MARICOTA. O primeiro que vi, quando cheguei á janella, parado no canto, foi aquelle Tenente dos Permanentes, que tu bem sabes.

CHIQUINHA. Casa-te com elle.

MARICOTA. E porque não, se elle quizer? Os Officiaes dos Permanentes tem bom soldo. Pódes-te rir.

CHIQUINHA. E depois do Tenente, quem mais passou?

MARICOTA. O cavallo rabão.

CHIQUINHA. Ah!

MARICOTA. Já te não mostrei aquelle moço, que anda sempre muito á moda, montado em um

Campanha
16/4/1914

cavallo rabão, e que todas as vezes que passa cumprimenta com ar risonho, e esporêa o cavallo?

CHIQUINHA. Sei quem é, isto é, conheço-o de vista; quem é elle?

MARICOTA. Sei tanto como tu.

CHIQUINHA. E o namoras sem o conheceres?

MARICOTA. Oh! que tola! pois é preciso conhecer-se a pessoa a quem se namora?

CHIQUINHA. Penso que sim.

MARICOTA. Estás muito atrazada. Queres ver a carta que elle me mandou esta manhã pelo moleque? (*tira do seio uma cartinha*). Ouve (*lendo*). Minha adorada e crepitante estrella! (*deixando de ler*). Heim! então?...

CHIQUINHA. Continúa.

MARICOTA (*continuando a ler*). Os astros que brilham nas chamejantes esferas de teus seductores olhos offuscaram em tão subido ponto o meu discernimento, que me enlouqueceram. Sim, meu Bem! um general quando vence uma batalha não é mais feliz do que eu sou! Se receberes os meus sinceros soffrimentos serei ditoso, e se não me corresponderes, serêi infeliz, irei viver com as fêras deshumanas da Hyrcania, do Japão, e dos sertões de Minas, fêras mais compassivas do que tu. Sim! meu Bem! esta será a minha sorte, e lá morrerei... Adeus. Deste que jura ser teu, apesar da negra e fria morte. O mesmo. (*acabando de ler*). Então, tem que

dizer a isto!... que estylo!... que paixão!...

CHIQUINHA (*rindo-se*). E' pena que o menino vá viver por essas brenhas com as fêras da Hyrcania, com os tatús e tamanduás. E tu acreditas em todo este palanfrorio?

MARICOTA. E porque não? Tem-se visto muitas paixões violentas. Ouve agora esta outra (*tira outra carta do seio*).

CHIQUINHA. Do mesmo?

MARICOTA. Não, é daquelle mocinho que está estudando latim no seminario de S. José.

CHIQUINHA. Namoras tambem a um estudante de latim. O que esperas deste menino?

MARICOTA. O que espero? não tens ouvido dizer que as primeiras paixões são eternas? Pois bem, este menino póde ir para S. Paulo, voltar de lá formado e arranjar eu alguma coisa, no caso de estar ainda solteira.

CHIQUINHA. Que calculo!... é pena teres de esperar tanto tempo.

MARICOTA. Os annos passam depressa quando se namora. Ouve (*lendo*). Vi teu mimoso semblante e fiquei enleiado e cego, cego a ponto de não poder estudar minha lição (*deixando de ler*). Isto é de creança. (*continua a ler*) Bem diz o poeta latino: Mandus ad Domino constitutus est (*lê estas palavras com difficuldade, e diz*): Isto eu não entendo; ha de ser algum elogio (*continua a ler*) constitus est. Se Deos o creou foi para

fazer o paraiso dos amantes, que como eu tem a fortuna de gozar tanta belleza.

A mocidade, meu Bem! é um thesouro, porque—Senectus est morbus. Recebe minha adorada os meus protestos. Adeus encanto. Ego vocor.—*Tiburcio José Maria (acabando de ler)*. —O que eu não gosto é escrever-me elle em latim. Hei de mandar-lhe dizer que me falle em portuguez. Lá dentro ainda tenho um masso de cartas que te poderei mostrar. Estas duas recebi hoje.

CHIQUINHA. Se todas são como essas, é rica a collecção. Quem mais passou? Vamos, dize. . .

MARICOTA. Passou aquelle amanuense da Alfandega, que está á espera de ser segundo escripturario, para casar-se comigo. Passou o inglez que anda montado no cavallo do curro. Passou o Ambrosio, capitão da guarda nacional. Passou aquelle moço de bigodes e cabellos grandes, que veio da Europa, aonde esteve empregado na diplomacia. Passou aquelle sujeito que tem loja de fazendas. Passou . .

CHIQUINHA (*interrompendo*). Meu Deus! quantos . . . e a todos esses namoras?

MARICOTA. Pois então! e o melhor é que cada um de per si pensa ser o unico da minha affeição.

CHIQUINHA. Tens habilidade! Mas dize-me Maricota, que esperas tu com todas essas loucuras, e namoras? Que planos são os teus? (*levanta-se*) Não vês que te podes desacreditar?

MARICOTA. Desacreditar-me por namorar! e não namoram todas as moças? A differença está em que umas são mais espertas do que outras. As estouvadas, como tu dizes que eu sou, namoram francamente, em quanto as sonsas vão pela calada. Tu mesma, com este ar de santinha — anda, faz-te vermelha! talvez namores, e muito; e se eu não posso assegurar, é porque tu não és sincera como eu sou. Desengana-te, não ha moça que não namore. A dissimulação de muitas é que faz duvidar de suas estrepolias. Apon-tas-me, por ventura, uma só, que não tenha uma hora escolhida para chegar á janella, ou que não atormente ao pai, ou a mãe, para ir a este, ou áquelle baile, a esta, ou áquelle festa? E pensas tu que é isto feito indifferentemente, ou por acaso? Enganas-te, minha cara, tudo é namoro, e muito namoro. Os pais, as mãis e as simploras como tu, é que nada vêem, e de nada desconfiam. Quantas conheço eu, que no meio de parentes e amigas, cercadas de olhos vigi-lantes, namoram tão subtilmente, que não se presente! Para quem sabe namorar tudo é ins-trumento—uma creança que se tem ao collo, e se beija,—um papagaio com o qual se falla á janella,—um mico que brinca sobre o hombro,—um lenço que se volteia na mão,—uma flôr que se desfolha, tudo, emfim! E até quantas vezes o namorado desprezado serve de instru-mento para se namorar a outrem! Pobres tolos,

Amor

que levam a culpa e vivem logrados, em proveito alheio! Se te quizesse eu explicar e patentear os ardis, e espertezas de certas meninas que passam por sérias, e que são refinadíssimas velhacas, não acabaria hoje. Vive na certeza, minha irmã, que as moças dividem-se em duas classes:—sonsas o sinceras; mas que todas namoram.

CHIQUINHA. Não questionarei contigo. Demos que assim seja, quero mesmo que o seja. Que outro futuro esperam as filhas famílias, senão o casamento? E' a nossa senatoria, como costumam dizer. Os homens não levam a mal que façamos da nossa parte todas as diligencias para alcançarmos este fim, mas o meio, que devemos empregar, é tudo. Póde elle ser prudente e honesto, ou tresloucado como o teu.

MARICOTA. Não dizia eu que haviam sonsas e sinceras! Tu és das sonsas.

CHIQUINHA. Póde elle nos desacreditar, como não duvidas que o teu te desacreditará.

MARICOTA. E porque?

CHIQUINHA. Namoras a muitos.

MARICOTA. Oh! essa é grande! Nisso justamente é que eu acho vantagem. Ora dize-me, quem compra muitos bilhetes de loteria não tem mais probabilidade de tirar a sorte grande, do que aquelle que só compra um? não póde do mesmo modo nessa loteria do casamento quem

tem muitos amantes, ter mais probabilidade de tirar um para marido? . . .

CHIQUINHA. Não! não! e não! A namoradaira é em breve tempo conhecida, e ninguém a deseja por mulher. Julgas que os homens illudem-se com ella, e que não sabem que valor devem dar aos seus protestos? Que mulher pôde haver tão fina, que namore a muitos, e que faça crer a cada um em particular que é o unico amado? Aqui em nossa terra, grande parte dos moços são presumçosos, linguarudos e indiscretos; quando tem o mais insignificante namorico, não ha amigos e conhecidos que não sejam seus confidentes. Que cautelas podem resistir a essas indiscripções? E, conhecida uma moça por namoradaira, quem se animará a pedil-a por esposa? Quem se quererá arriscar a casar-se com uma mulher, que continúe depois de casada as scenas de sua vida de solteira? Os homens tem mais juizo do que pensas: com as namoradeiras divertem-se elles, mas não se casam.

MARICOTA. Eu t'ó mostrarei.

CHIQUINHA. Veremos! Dá graças a Deus se por fim encontrares um velho para marido.

MARICOTA. Um velho! Antes quero morrer; ser freira. . . Não me falles nisso, que me arrepiam os cabellos! Mas para que me afflijo; é-me mais facil. . . ahí vem meu pai (*corre e assenta-se á costura junto á mesa.*)

Cammas

SCENA II.

JOSE' PIMENTA E MARICOTA.

Entra José Pimenta com a farda de cabo d'esquadra da guarda nacional, calça de paño azul, e barretão; tudo muito usado.

PIMENTA (*entrando*). Chiquinha, vai ver minha roupa, já que estás vadia. (*Chiquinha sae*). Está bem bom! Está bem bom! (*esfrega as mãos de contente*)

MARICOTA (*cosendo*). Meu pai, sahe?

PIMENTA. Tenho que dar algumas voltas, a ver se cobro o dinheiro das guardas de hontem. Abençoada a hora em que eu deixei o officio de sapateiro para ser cabo d'esquadra da guarda nacional. O que ganhava eu pelo officio? uma tuta-méa. Desde pela manhã até alta noite sentado á tripeça, mettendo sovella d'aquí, sovella d'acolá, cerol p'ra uma banda, cerol p'ra outra; puxando couro com os dentes, batendo de martello, estirando o tirapé; e no fim das contas chegava apenas o jornal para se comer, e mal. Torno a dizer, feliz a hora em que deixei o officio para ser cabo d'esquadra da guarda nacional. Das guardas, das rondas e das ordens de prisão faço o meu patrimonio. Cá as arranjo de modo que rendem, e não rendem pouco! assim é que é o viver, e no mais saude, e viva a guar-

da nacional e o dinheirinho das guardas que vou cobrar, e que muito sinto ter de repartir com ganhadores. Se vier alguém procurar-me, diz, que espere, que eu já volto (*sahé*).

SCENA III.

MARIGOTA (*só*)

Tem razão! São milagres! Quando meu pai trabalhava pelo officio e tinha um jornal certo, não podia viver; agora que não tem officio nem jornal, vive sem necessidades. Bem diz o capitão Ambrozio que os officios sem nome são os mais lucrativos. Basta de coser. (*levanta-se*) Não hei de namorar o agulheiro, nem casar-me com a almofada. (*vai para a janella. Faustino apparece na porta do fundo, donde espreita para a sala.*)

SCENA IV.

FAUSTINO E MARIGOTA.

FAUSTINO. Posso entrar?

MARIGOTA (*voltando-se*). Quem é? Ah! pôde entrar.

FAUSTINO (*entrando*). Estava ali defronte na loja do Barbeiro esperando que teu pai sahis e

para poder ver-te, fallar-te, amar-te, adorar-te, e...

MARICOTA. Devéras!

FAUSTINO. Ainda duvidas? Para quem vivo eu, senão para ti? Quem está sempre presente na minha imaginação? Por quem faço eu todos os sacrificios?

MARICOTA. Falle mais baixo que a mana póde ouvir.

FAUSTINO. A mana! Oh! quem me dera ser a mana para estar sempre contigo; na mesma sala, na mesma mesa, no mesmo....

MARICOTA (*rindo-se*). Já você começa.

FAUSTINO. E como hei de acabar sem começar! (*pegando-lhe na mão*) Decididamente, meu amor, não posso viver sem ti... e sem o meu ordenado.

MARICOTA. Não lhe creio: muitas vezes está sem me apparecer dous dias, signal que póde viver sem mim; e julgo que póde tambem viver sem o seu ordenado, porque...

FAUSTINO. Impossivel!

MARICOTA. Porque o tenho visto passar muitas vezes por aqui de manhã ás 11 horas, e ao meio dia; o que prova, que gazinga soffrivelmente; que leva ponto, e lhe descontam o ordenado.

FAUSTINO. Gazeiar a repartição? eu? o modelo dos empregados? Enganaram-te. Quando lá não vou, é, ou por doente, ou por ter mandado parte de doente...

MARICOTA. E hoje que é dia de trabalho mandou parte ?

FAUSTINO. Hoje ! ah ! não me falles nisso, que me desespero e allucino ! Por tua causa sou a victima a mais infeliz da guarda nacional !

MARICOTA. Por minha causa !

FAUSTINO. Sim, sim, por tua causa ! O capitão da minha companhia, o mais feroz capitão que tem apparecido no mundo, depois que se inventou a guarda nacional, persegue-me; acabou-me, e assassina-me ! e porque tudo isto ? porque é meu rival ! Como sabe que eu te amo, e que tu me correspondeste, não ha pirraças, e affrontas que me não faça. Todos os mezes são 2, 3 avisos para montar guarda; outros tantos para rondas, manejos, paradas; e desgraçado se lá não vou, ou não pago ! Já o meu ordenado não chega. Roubam-me, roubam-me com as armas na mão ! Eu te detesto, capitão infernal, és um tyranno, um Gengis-kan, um Tamerlan ! Agora mesmo está um guarda á porta da repartição á minha espera para prender-me ! Mas eu não vou lá ! não Quero ! Tenho dito ! Um cidadão é livre... em quanto não o prendem !

MARICOTA. Sr. Faustino, não grite, tranquilise-se.

FAUSTINO. Tranquillisar-me ! Quando vejo um homem que abusa da autoridade que lhe confiaram para afastar-me de ti ! Sim, sim ! é para afastar-me de ti que elle manda-me sempre pren-

der. Patife! Porém o que mais me fortifica e até faz-me chorar, é ver teu pai, o mais honrado cabo d'esquadra, prestar o seu apoio á essas tyrantias constitucionaes.

MARICOTA. Está bom, deixe-se disso. Já é machada. Não tem que se queixar de meu pai: elle é cabo, e faz a sua obrigação.

FAUSTINO. Sua obrigação?! E julgas que um homem faz a sua obrigação quando anda atraz de um cidadão brasileiro com uma ordem de prisão mettida na patrona!. . . na patrona!! A liberdade, a honra, a vida de um homem, feito á imagem de Deus, mettida na patrona!! Sacrilégio!

MARICOTA (*rindo-se*). Com effeito, é uma acção digna. . .

FAUSTINO (*interrompendo-a*). Sómente de um capitão da guarda nacional!! Felizes dos Turcos, dos Chinas, e dos negros de Guiné, porque não são guardas nacionaes! Oh!

« Porque lá nos desertos africanos
« Faustino não nasceu desconhecido! »

MARICOTA. Gentes! . . .

FAUSTINO. Mas apezar de todas essas perseguições, eu lhe hei de mostrar para que presto! Tão depressa se reforme a minha repartição, casar-me-hei contigo, ainda que eu veja adiante

de mim todos os chefes de legião, coroneis, maiores, capitães, cornetas, sim, cornetas, e etc.

MARICOTA. Meu Deus! endoudeceu.

FAUSTINO. Então podem chover sobre mim os avisos, como chovia o maná no deserto! Não te deixarei um só instante. Quando fôr ás paradas irás comigo para me veres manobrar.

MARICOTA. Oh!

FAUSTINO. Quando montar guarda, acompanhar-me-has...

MARICOTA. Que! eu tambem hei de montar guarda?

FAUSTINO. E o que tem isso? mas não! não! correria seu risco!...

MARICOTA. Que extravagancias!...

FAUSTINO. Quando rondar, rondarei a nossa porta; e quando houver rúsgas, fechar-me-hei em casa contigo, e dê no que der, que ..estou deitado. Mas ah! infeliz!... (*suspira*).

MARICOTA. Acabou-se-lhe o furor?

FAUSTINO. De que me servem todos esses tormentos se me não amas?

MARICOTA. Não lhe amo!

FAUSTINO. Desgraçadamente, não! Eu tenho cá para mim que a tanto se não atreveria o capitão, se não lhe dêsse esperanças.

MARICOTA. Ingrato!...

FAUSTINO. Maricota, minha vida, ouve a confissão dos tormentos que por ti soffro. (*Declamando*) Uma idéa esmagadora, idéa abortada do

Manobras

negro abysmo, como o riso da desesperação, segue-me por toda a parte! Na rua, na cama, na repartição, nos bailes, e mesmo no theatro não me deixa um só instante! Agarrada ás minhas orelhas, como o naufrago á taboa de salvação, ouço-a sempre dizer:—Maricota não te ama!! sacudo a cabeça, arranco os cabellos (*faz o que diz*) e só consigo desarranjar os cabellos e amarrotar a gravata. (*Isto dizendo tira do bolso um pente, com o qual penteia-se em quanto falla*) Isto é o tormento da minha vida, companheiro da minha morte! Cosido na mortalha, pregado no caixão, enterrado na catacumba, fechado na caixinha dos ossos no dia de finados ouvindo ainda essa voz, mas então será furibunda, pavorosa e cadaverica, repetir: — Maricota não te ama!! (*engrossa a voz para dizer estas palavras*) E serei o defunto o mais desgraçado!... Não te commovem estas pinturas? não se te arripiam as carnes?

MARICOTA. Escute...

FAUSTINO. Oh! que não tenha eu eloquencia e poder para te arripiar as carnes!...

MARICOTA. Já lhe disse que escute. Ora diga-me: não lhe tenho eu dado todas as provas, que lhe poderia dar para convencel-o do meu amor? Não tenho respondido a todas suas cartas? Não estou á janella sempre que passa de manhã para a repartição, e ás duas horas quando volta, apesar do sol! Quando tenho alguma flôr ao peito, que

m'a pede, não lh'a dou? Que mais quer? São poucas essas provas de verdadeiro amor? Assim é que paga-me tantas finezas? Eu é que me deveria queixar...

FAUSTINO. Tu?!

MARICOTA. Eu, sim! Responda-me; por onde andou que não passou por aqui hontem, e fez-me esperar toda tarde á janella? Que fez do cravo que lhe dei o mez passado? Porque não foi ao theatro quando eu lá estive com D. Marianna. Desculpe-se, se póde. Assim é que corresponde a tanto amor? Já não ha paixões verdadeiras. Estou desenganada (*singe que chora*).

FAUSTINO. Maricota!

MARICOTA. Fui bem desgraçada em dar meu coração a um ingrato!...

FAUSTINO (*enternecido*). Maricota!

MARICOTA. Se eu pudesse arrancar do peito esta paixão..

FAUSTINO. Maricota! eis-me a teus pés (*ajoe-
tha-se, e enquanto falla, Maricota ri-se, sem que
elle veja*). Necessito de toda a tua bondade para ser perdoado!

MARICOTA. Deixe-me.

FAUSTINO. Queres que morra a teus pés. (*batem
palmas na escada*).

MARICOTA (*assustada*). Quem será? (*Faustino
conserva-se de joelhos*)

CAPITÃO (*na escada dentro*). Dá licença?

MARICOTA (*assustada*). E' o capitão Ambrosio

Maricota

(para Faustino) Vá-se embora! vá-se embora!
(Vai para dentro correndo).

FAUSTINO (levanta-se e vai atraz della). Então o que é isso?... Deixou-me!... Foi-se!... e esta!... Que farei? .. (anda ao redor da sala como procurando aonde esconder-se). Não sei onde esconder-me!... (vai espiar á porta, e d'ahi corre para a janella) Voltou, e está conversando á porta com um sujeito; mas de certo não deixa de entrar... em boas estou mettido, e d'aqui não... (corre para o Judas despe-lhe a casaca e o colete, tira-lhe as botas, e o chapéo e arranca-lhe os bigodes) O que me pilhar tem talento, por que mais tenho eu. (Veste o collete e casaca sobre a sua propria roupa; calça as botas, põe o chapéo armado, e arranja os bigodes. Feito isto esconde o corpo do Judas em uma das gavetas da commoda, onde tambem esconde o proprio chapéo; e toma o lugar do Judas). A gora póde vir... (batem) Eil-o!... (batem) Ah! vem!...

SCENA V.

CAPITÃO E FAUSTINO (no lugar do Judas).

CAPITÃO (entrando). Não ha ninguem em casa? ou estão todos surdos? Já bati palmas duas vezes, e nada de novo! (tira a barretina e a põe sobre a mesa, e assenta-se na cadeira). Esperarei Olha ao redor de si e dá com os olhos no Judas;

suppõe á primeira vista ser um homem, e levanta-se rapidamente). Quem é? (Reconhecendo que é um Judas) Ora! ora! ora? é boa! e não me enganei com o Judas, pensando que era um homem? oh! oh! Está um figurão. E o mais é que está tão bem feito que parece vivo. (assenta-se) Aonde está esta gente? Preciso fallar com o cabo José Pimenta, e... ver a filha. Não seria máo que elle não estivesse em casa; desejo ter certas explicações com a Maricota (Aqui apparece na porta da direita Maricota que espreita receiosa; o capitão a vê e levanta-se). Ah!

SCENA VI.

MARICOTA E OS MESMOS.

MARICOTA (*entrando sempre receiosa, e olhando para todos os lados*). Sr. Capitão!

CAPITÃO (*chegando-se para ella*). Desejei verte, e a fortuna ajudou-me. (*pegando-lhe na mão*) Mas que tens? estás receiosa! Teu pai?

MARICOTA (*receiosa*). Sahi.

CAPITÃO. Que temes então?

MARICOTA (*adianta-se, e como que procura um objecto com os olhos pelos cantos da sala*). Eu? nada. Estou procurando o gato...

CAPITÃO. O gato? E por causa do gato recebe-me com esta indiferença? (*largando-lhe a mão*),

Maricota

MARICOTA (*á parte*). Sahiu. (*para o capitão*)
Ainda em cima zanga-se comigo! Por sua causa
é que eu estou nestes sustos.

CAPITÃO. Por minha causa?

MARICOTA. Sim.

CAPITÃO. E é também por minha causa que
procura o gato?

MARICOTA. E', sim!

CAPITÃO. Essa agora é melhor! explique-se...

MARICOTA (*á parte*). Em que me fui eu metter;
o que lhe hei de dizer?

CAPITÃO. Então?

MARICOTA. Lembra-se...

CAPITÃO. De quê?

MARICOTA. Da... da... d'aquella carta que
escreveu-me ante-hontem, em que me aconse-
lhava que fugisse da casa de meu pai para a
sua?

CAPITÃO. E o que tem?

MARICOTA. Guardei-a na gavetinha do meu
espelho, e como a deixasse aberta, o gato brin-
cando sacou-me a carta; porque elle tem esse
costume...

CAPITÃO. Oh! mas isso não é graça! Procu-
remos o gato. A carta estava assignada e póde
comprometter-me! E' a ultima vez que tal me
acontece! (*Puxa a espada e principia a procu-
rar o gato*).

MARICOTA (*á parte, enquanto o capitão pro-*

cura). Puxa a espada! Estou arrependida de ter dado corda a este tolo.

(O capitão procura o gato atraz de Faustino que está immovel; passa por diante, e continúa a procural-o. Logo que volta as costas a Faustino, este mia. O capitão volta para traz repentinamente. Maricota surpreende-se).

CAPITÃO. Miou!

MARICOTA. Miou?!

CAPITÃO. Está por aqui mesmo. (*Procura*).

MARICOTA (*á parte*). E' singular! Em casa não temos gato.

CAPITÃO. Aqui não está! — Onde diabo se metteu?

MARICOTA (*á parte*). Sem duvida é algum da vizinhança. (*Para o capitão*) Está bom. Deixe; elle apparecerá.

CAPITÃO. Que o leve o demo! (*para Maricota*) Mas procure-o bem até que o ache, para arrancar-lhé a carta. Podem-na achar; e isso não me convem. (*esquece-se de embainhar a espada*). Sobre esta mesma carta desejava eu fallar-te.

MARICOTA. Recebeu minha resposta?

CAPITÃO. Recebi, e a tenho aqui comigo. Mandasté-me dizer que estavas prompta a fugir para minha casa; mas que esperavas primeiro poder arranjar parte do dinheiro que teu pai está ajuntando para te safares com elle. Isto não me convem. Não está nos meus principios. Um

March

moço pôde roubar uma moça: é uma rapaziada; mas dinheiro! é uma acção infame.

MARICOTA (*á parte*). Tolo!

CAPITÃO. Espero que não penses mais nisso, e que farás sómente o que te eu peço. Sim?

MARICOTA (*á parte*).— Pateta, que não percebe que era um pretexto para lhe não dizer que não, e tel-o sempre preso.

CAPITÃO. Não respondes?

MARICOTA. Pois sim. (*á parte*) Era preciso que eu fosse tola; se eu fugir elle não se casa.

CAPITÃO. Agora quero sempre dizer-te uma coisa. Eu suppoz que esta historia de dinheiro era um pretexto para não fazeres o que te pedia.

MARICOTA. Ah! suppoz? Tem penetração!

CAPITÃO. E se te valias desses pretextos é porque amavas a...

MARICOTA. A quem? diga!

CAPITÃO. A Faustino.

MARICOTA. A Faustino? (*ri as gargalhadas*). Eu? amar aquelle toleirão? Com olhos de enxova morta, o pernas d'arco de pipa? Está mangando comigo. Tenho melhor gosto. (*Olha com ternura para o capitão*).

CAPITÃO (*suspirando com prazer*). Ah! que olhos matadores!

(*Durante este dialogo Faustino está desinquieto no seu logar*).

MARICOTA. O Faustino serve-me de diverti-

mento, e se algumas vezes lhe dou atenção é para melhor occultar o amor que sinto por outro.

(*Olha com ternura para o capitão*).

(*Aqui apparece na porta do fundo José Pimenta. Vendo o capitão com a filha, pára, e es-cuta*).

CAPITÃO. Eu te creio porque teus olhos confirmam tuas palavras. (*gesticula com enthusiasmo brandindo a espada*). Terás sempre em mim um arrimo, e um defensor! Em quanto eu fór capitão da guarda nacional, e o governo tiver confiança em mim, hei de sustentar-te como uma princeza!

(*Pimenta desata a rir ás gargalhadas. Os dous voltam-se sorprendidos. Pimenta caminha para a frente rindo-se sempre. O capitão fica enfiado, e com a espada levantada. Maricota turbada, não sabe como tomar a hilariedade do pai*).

SCENA VII.

PIMENTA E OS MESMOS.

PIMENTA (*rindo-se*). O que é isto, Sr. capitão? Alaca a rapariga ou ensina-lhe a jogar a espada?

CAPITÃO (*turbado*). Não é nada, Sr. Pimenta, não é nada... (*embainha a espada*) Foi um gato.

PIMENTA. Um gato! Pois o Sr. capitão tira a

espada para um gato? Só se foi algum gato damnado, que por aqui entrou.

CAPITÃO (*querendo mostrar tranquillidade*). Nada. Foi o gato da casa que andou aqui pela sala fazendo estrepolias.

PIMENTA. O gato da casa! E' bichinho que nunca tive, nem quero ter.

CAPITÃO. Pois o senhor não tem um gato?

PIMENTA. Não, senhor.

CAPITÃO (*alterando-se*). E nunca os teve?

PIMENTA. Nunca... mas...

CAPITÃO. Nem suas filhas, nem seus escravos?

PIMENTA. Já disse que não... mas...

CAPITÃO (*voltando-se para Maricota*) Com quem seu pai, nem a senhora, nem sua irmã, e nem seus escravos têm gato?

PIMENTA. Mas que diabo é isto?

CAPITÃO. E no entanto... Está bom! está bom! (*á parte*) Aqui ha maroteira!

PIMENTA. Mas que historia é essa?

CAPITÃO. Não é nada; não faça caso; ao depois lhe direi. (*Para Maricota*) Muito obrigado! (*Voltando-se para Pimenta*) Temos que fallar em objecto de serviço.

PIMENTA (*para Maricota*). Vai para dentro.

MARICOTA (*á parte*). Que capitão tão pedaço d'asno! (*sahé*).

SCENA VIII.

CAPITÃO E JOSE' PIMENTA.

(Pimenta vai pôr sobre a mesa a barretina. O capitão fica pensativo.)

CAPITÃO (*á parte*). Aqui anda o Faustino; mas elle me pagará!

PIMENTA. Às suas ordens, Sr. capitão.

CAPITÃO. O guarda Faustino foi preso?

PIMENTA. Não, senhor. Desde quinta-feira que andam dous guardas atraz d'elle, e ainda não foi possível encontral-o. Mandeí-os que fossem escorar á porta da repartição, e tambem lá não appareceu hoje. Creio que teve aviso.

CAPITÃO. E' preciso fazer diligencia para se prender esse guarda, que está ficando muito remisso. Tenho ordens muito apertadas do commandante superior. Diga aos guardas encarregados de o prender, que o levem para os provisórios. Ha de lá estar um mez. Isto assim não póde continuar. Não ha gente para o serviço com esses mãos exemplos. A impunidade desorganisa a guarda nacional Assim que elle sahir dos provisórios, avisem-no logo para o serviço, e se faltar, provisório no caso, até que se desengane. Eu lhe hei de mostrar. (*á parte*) Mariola!... quer ser meu rival!

PIMENTA. Sim senhor, Sr. capitão.

CAPITÃO. Guardas sobre guardas, rondas, manejos, paradas, diligencias,—atrapalhe-o. Entenda-se a esse respeito com o sargento.

PIMENTA. Deixe estar, Sr. capitão.

CAPITÃO. Precisamos de gente prompta.

PIMENTA. Assim é, Sr. capitão. Os que não pagam para a musica, devem sempre estar promptos. Alguns são muito remissos.

CAPITÃO. Ameace-os com o serviço.

PIMENTA. Já o tenho feito. Digo-lhes que se não pagarem promptamente o Sr. capitão os chamará para o serviço. Faltam ainda oito que não pagaram este mez; e 2 ou 3 que não pagam desde o principio do anno.

CAPITÃO. Avise a esses, que recebeu ordem para os chamar de novo para o serviço impreterivelmente. Ha falta de gente. Ou paguem ou trabalhem.

PIMENTA. Assim é, Sr. capitão, e mesmo é preciso. Já andam dizendo que se a nossa companhia não tem gente, é porque mais de metade paga para a musica,

CAPITÃO (*assustado*). Dizem isso? Pois já sabem?

PIMENTA. Que saibam, não creio; mas desconfiam.

CAPITÃO. E' o diabo! é preciso cautella. Vamos á casa do sargento, que lá temos que con-

versar. Uma demissão me faria desarranjo. Vamos.

PIMENTA. Sim senhor, Sr. capitão. (*sahem*).

SCENA IX.

FAUSTINO (*só*).

(*Logo que os dous sahem, Faustino os vae espreitar a porta por onde sahiram; e adianta-se um pouco.*)

FAUSTINO. Ah! com que o Sr. capitão assusta-se, porque podem saber que mais de metade dos guardas da companhia pagam para a musica!... e quer mandar-me para os provisórios! Com que escreve cartas, desinquietaando a uma filha familia, e quer atrapalhar-me com serviço? Muito bem! Cá tomarei nota. E o que direi da menina? E' de se tirar o barrete! Está doutorada! Anda a dous carrinhos! Obrigado! acha que eu tenho pernas de enxova morta, e olhos de arco de pipa? Ah! quem soubera! mas ainda é tempo, tu me pagarás; e... ouço pisadas... á postos (*toma o seu logar*).

SCENA X.

CHIQUINHA E FAUSTINO.

CHIQUINHA (*entra e senta-se á costura*). Deixe-me ver se posso acabar este vestido para ves-

Le amncho

til-o amanhã que é Domingo de Pascoa. (*coze*). Eu é que sou a vadia, como meu pai disse. Tudo anda assim. Ai! ai! (*suspirando*) Ha gente bem feliz; alcançam tudo quanto desejam, e dizem tudo quanto pensam: só eu nada alcanço e nada digo. Em quem estará elle pensando! Na mana, sem duvida. Ah! Faustino! Faustino! Se tu soubesses. . .

FAUSTINO (*á parte*). Falla em mim! (*aproxima-se de Chiquinha pé ante pé*).

CHIQUINHA. A mana que não sente por ti o que eu sinto, tem coragem para te fallar e enganar; enquanto eu, que tanto te amo, não ousou levantar os olhos para ti. Assim vae o mundo! Nunca terei valor para fazer-lhe a confissão deste amor, que me faz tão desgraçada; nunca, que morreria de vergonha. Elle nem em mim pensa. Casar-me com elle seria a maior das felicidades. (*Faustino, que, durante o tempo que Chiquinha falla vem approximando-se e ouvindo com prazer quanto ella diz, cahê a seus pés*).

FAUSTINO. Anjo do céo! . . . (*Chiquinha dá um grito assustada, levanta-se rapidamente para fugir, e Faustino a retêm pelo vestido*) Espera!

CHIQUINHA (*gritando*). Ai! quem me acode?

FAUSTINO. Não te assustes é o teu amante, o teu noivo. . . O ditoso Faustino.

CHIQUINHA (*forcejando para fugir*). Deixe-me!

FAUSTINO (*tirando o chapéo*). Não me conheces? E' o teu Faustino!

CHIQUINHA (*reconhecendo-o*). Sr. Faustino!!

FAUSTINO (*sempre de joelhos*). Elle mesmo, encantadora creatura! elle mesmo que tudo ouviu.

CHIQUINHA (*escondendo o rosto nas mãos*). Meu Deus!

FAUSTINO. Não te envergonhes, (*levanta-se*) e não te admires de ver-me tão ridiculamente vestido para um amante adorado.

CHIQUINHA. Deixe-me ir para dentro.

FAUSTINO. Oh! não! Ouvir-me-has primeiro. Por causa de tua irmã, eu estava escondido nestes trajos mas prouve a Deus que elles me servissem para descobrir a sua perfidia, e ouvir a tua ingenua confissão, tanto mais preciosa, quanto inesperada. Eu te amo! eu te amo?

CHIQUINHA. A mana pôde ouvir-o.

FAUSTINO. A mana! que venha ouvir-me. Quero dizer-lhe nas bochechas o que penso! Se eu estivesse adivinhando em ti tanta candura e amor, não teria passado por tantos dissabores, e desgostos, e não teria visto com meus próprios olhos a maior das patifarias! Sua mana é... emfim, eu cá sei o que ella é, e basta. Deixemol-a! fallemos só no nosso amor! Não olhes para minhas botas. Tuas palavras accenderam em meu peito uma paixão volcanico-piramidal, e delirante. Ha um momento que nasceu; mas já está grande como o universo. Conquistaste-me! Terás o pago de tanto amor! Não duvides. Amanhã virei pedir-te a teu pai.

Camilla

CHIQUINHA (*involuntariamente*). Será possível.

FAUSTINO. Mais que possível; possibilissimo!

CHIQUINHA. Oh! está me enganando! e o seu amor por Maricota?

FAUSTINO (*declamando*). Maricota trouxe o inferno para minha alma, se é que não levou minha alma para o inferno! O meu amor por ella foi-se, voou extinguiu-se como um foguete de lagrimas!...

CHIQUINHA. Seria crueldade se zombasse de mim! de mim que occultava a todos o meu segredo.

FAUSTINO. Zombar de ti? Seria mais facil zombar do meu ministro! Mas, silencio, que parece-me que sobem as escadas.

CHIQUINHA (*assussada*). Será meu pai!

FAUSTINO. Nada digas do que ouvistes; é preciso que ninguem saiba que eu estou aqui incognito. Do segredo depende a nossa dita.

PIMENTA (*dentro*). Diga-lhe que não póde ser

FAUSTINO. E' teu pai.

CHIQUINHA. E' meu pai.

AMBOS. Adeos! *Chiquinha entra correndo, e Faustino põe o chapéo na cabeça, e toma o seu lugar*).

SCENA XI.

PIMENTA E DEPOIS ANTONIO DOMINGGS.

PIMENTA. E' boa! querem todos ser dispen-

sados das paradas! agora é que o sargento anda passeando. Lá ficou o capitão a espera. Ficou espantado com o que eu lhe disse a respeito da musica; tem razão, que se souberem, podem-lhe dar com a demissão pelas ventas. (*Aqui batem palmas dentro*). Quem é?

ANTONIO (*dentro*). Um seu criado; dá licença?

PIMENTA. Entre quem é. (*entra Antonio Domingo*).

PIMENTA. Ah! é o Sr. Antonio Domingo! Seja bem apparecido, como vai isso?

ANTONIO. A seu dispôr.

PIMENTA. Dê cá o seu chapéo (*toma o chapéo e o põe sobre a mesa*). Então o que ordena?

ANTONIO (*com mysterio*). Trata-se do negocio.

PIMENTA. Ah! espere (*vai fechar a porta do fundo espiando primeiro se alguem os poderá ouvir*). E' preciso cautela (*cerra a porta que dá para o interior*).

ANTONIO. Toda é pouca (*vendo o Judas*). Aquillo é um Judas?

PIMENTA. E' dos pequenos. Então?

ANTONIO. Chegou nova remessa do Porto. Os socios continuam a trabalhar com ardor. Aqui estão dous contos (*tira da algibeira dous maços de papeis*) um em cada masso; é dos azues. Desta vez vieram mais bem feitos (*mostra uma nota de 5\$000 que tira do bolso do colete*). Veja; está perfeitissima.

PIMENTA (*examinando-a*). Assim é.

ANTONIO. Mandei aos socios fabricantes o relatorio do exame, que fizeram na caixa da amortisação, sobre as da penultima remessa, e elles emendaram a mão. Aposto que ninguem as differencará das verdadeiras.

PIMENTA. Quando chegaram?

ANTONIO. Hontem, em o navio que chegou do Porto

PIMENTA. E como vieram?

ANTONIO. Dentro de um barril de paios.

PIMENTA. O lucro que deixa não é mão; mas arrisca-se a pelle...

ANTONIO. O que receia?

PIMENTA. O que receio? Se nos dão na malhada, adeus minhas encomendas! Tenho filhos...

ANTONIO. Deixe-se de sustos. Já tivemos duas remessas; e o senhor só por sua parte passou 2:500\$000, e nada lhe aconteceu.

PIMENTA. Bem perto estivemos de ser descobertos—houve denuncia, e o thesouro substituiu os azues pelos brancos.

ANTONIO. Dos bilhetes aos falsificadores vai longe; aquelles andam pelas mãos de todos, e estes fecham-se quando fallam, e acautelam-se. Demais, quem nada arrisca, nada tem. Deus ha de ser conosco.

PIMENTA. Se não fôra o chefe de policia!...

ANTONIO. Esse é que pôde botar tudo a per-

der; mas peor é o medo. Vá guardal-os. (*Pimenta vai guardar os maços dos bilhetes em uma das gavetas da commoda, e a fecha á chave*).

ANTONIO (*emquanto Pimenta guarda os bilhetes*). Cincoenta contos da primeira remessa, cem da segunda, e cincoenta desta, fazem duzentos contos; quando muito, vinte de despeza, e ahi temos cento e oitenta de lucro. Não conheço negocio melhor. (*para Pimenta*) Não os vá trocar sempre á mesma casa; ora aqui, ora ali. Tem cinco por cento dos que passar.

PIMENTA. Já estou arrependido de ter-me mettido neste negocio.

ANTONIO. E porque?

PIMENTA. Além de perigosissimo, tem consequencias que eu não previa quando metti-me nelle. O senhor dizia que o povo não soffria com isso.

ANTONIO. E ainda digo. Ha na circulação um horror de milhares de contos em papel; mais com duzentos, não querem dizer nada.

PIMENTA. Assim pensei eu, ou m'ó fizeram pensar; mas já abriram-me os olhos, e... enfim passarei ainda esta vez, e será a ultima. Tenho filhos. Metti-me nisto sem saber bem o que fazia. E do senhor queixo-me, porque da primeira vez abusou da minha posição; eu estava sem vintem. E' a ultima!

ANTONIO. Como quizer; o senhor é quem perde. (*batem na porta*).

PIMENTA. Batem !!

ANTONIO. Será o chefe de policia?

PIMENTA. O chefe de policia ! Eis abi está no que o senhor me metteu !. ..

ANTONIO. Prudencia. Se fôr a policia, queimam-se os bilhetes.

PIMENTA. Qual queimam-se, nem meio queimam-se; já não ha tempo senão de sermos enforcados,

ANTONIO. Não desanime. (*Batem de novo*).

FAUSTINO (*disfarçando a voz*). Da parte da policia !

PIMENTA (*cahindo de joelhos*). Misericordia !

ANTONIO. Fugamos pelo quintal. .

PIMENTA. A casa não tem quintal. Minhas filhas !. . .

ANTONIO. Estamos perdidos! (*corre para a porta afim de espiar pela fechadura. Pimenta fica de joelhos e treme convulsivamente*). Só vejo um official da guarda nacional. (*Batem: espia de novo*). Não ha duvida (*para Pimenta*). Sio!.. sio ... venha cá.

CAPITÃO (*dentro*). A' Sr. Pimenta, Sr. Pimenta? (*Pimenta ao ouvir o seu nome levanta a cabeça, e escuta: Antonio caminha para elle*).

ANTONIO. Ha só um official que o chama.

PIMENTA. Os mais estão escondidos!

CAPITÃO (*dentro*). Ha ou não gente em casa?

PIMENTA (*levanta-se*). Aquella voz... (*vai para*

a porta e espia). Não me enganei! é o capitão *(espia)*. Ah Sr. capitão?!

CAPITÃO *(dentro)*. Abra!

PIMENTA. V. S. está só?

CAPITÃO *(dentro)*. Estou, sim; abra.

PIMENTA. Palavra de honra?

CAPITÃO *(dentro)*. Abra, ou vou-me embora.

PIMENTA *(para Antonio)*. Não ha que lemer. *(Abre a porta; entra o capitão: Antonio sahe fóra da porta e observa se ha alguém occulto no corredor)*.

SCENA XII.

CAPITÃO E OS MESMOS.

CAPITÃO *(entrando)*. Com o demo! o senhor a estas horas com a porta fechada!

PIMENTA. Queira perdoar, Sr. capitão.

ANTONIO *(entrando)*. Ninguém!

CAPITÃO. Faz-me esperar tanto! Hoje é a segunda vez.

PIMENTA. Por quem é, Sr. capitão.

CAPITÃO. Tão calados; parece que estavam fazendo moeda falsa *(Antonio estremece: Pimenta assusta-se)*.

PIMENTA. Que diz, Sr. capitão? V. S. tem graças que offendem! Isto não são brinquedos. Assim escandalisa-me. Estava com o meu amigo

Camacho

Antonio Domingo fallando nos seus negocios, que eu cá por mim, não os tenho.

CAPITÃO. Oh! o senhor escandalisa-se, e assusta-se por uma graça, dita sem intenção de offender.

PIMENTA. Mas ha graças, que não teem graça!

CAPITÃO. O senhor tem alguma cousa? Eu o estou desconhecendo!

ANTONIO (*á parte*). Este diabo bota tudo a perder. (*para o capitão*) E' 'a bilis que ainda o trabalha. Estava enfurecido comigo por certos negocios. Isto passa-lhe. (*para Pimenta*) Tudo se ha de arranjar. (*para o capitão*) V. S. está hoje de serviço?

CAPITÃO Estou de dia. (*para Pimenta*) Já lhe posso fallar?

PIMENTA. Tenha a bondade de desculpar-me. Este maldito homem ia-me fazendo perder a cabeça (*passa a mão pelo pescoço, como quem quer dar mais intelligencia ao que diz*). E V. S. tambem não contribuiu pouco para eu assustar-me!

ANTONIO (*forcejando para rir*). Foi uma boa cassoada!

CAPITÃO (*admirado*). Cassoada!... eu?...

PIMENTA. Por mais honrado que seja um homem, quando se lhe bate á porta, e se diz: — da parte da policia — sempre se assusta.

CAPITÃO. E quem lhe disse isto?

PIMENTA. V. S. mesmo.

CAPITÃO. Ora o senhor, ou está sonhando, ou quer se divertir comigo.

PIMENTA. Não foi V. S.?

ANTONIO. Não foi V. S.?

CAPITÃO. Peior é essa! Sua casa hoje anda mysteriosa. Ha pouco era sua filha com o gato; agora é o senhor com a policia... *(á parte)* Aqui anda tramoia!

ANTONIO *(á parte)*. Quem seria?

PIMENTA *(assustado)*. Isto não vai bem. *(para Antonio)* Não sahe d'aqui antes de eu lhe entregar uns papeis. Espere! *(faz semblante de querer ir buscar os bilhetes; Antonio o retém)*.

ANTONIO *(para Pimenta)*. Olhe que se perde!

CAPITÃO. E então!... Ainda não me deixaram dizer ao que vinha. *(Ouve-se repiques de sinos, foguetes, algazarra, ruidos diversos como acontece quando apparece a alleluia)*.

CAPITÃO. O que é isto?

PIMENTA. Estamos decobertos!!...

ANTONIO *(gritando)*. Cale-se! E' a alleluia que appareceu. *(Entram na sala de tropel, Maricota, Chiquinha, os 4 meninos e os 2 moleques)*.

MENINOS. Appareceu a alleluia! Vamos ao Judas!... *(Faustino vendo os meninos junto de si, neita a correr pela sala. Espanto geral. Os medinos gritam, e fogem de Faustino, o qual dá duas voltas ao redor da sala, levando adiante de si todos os que estão em scena, os quaes atropellam-se correndo, e gritam aterrorisados. Chi-*

quinha fica em pé junto á porta por onde entrou. Faustino na segunda volta sahe para rua; e os mais desembaraçados d'elle ficam como assombrados. Os meninos e moleques chorando escondem-se debaixo da mesa e cadeiras; o capitão na primeira volta que dá fugindo de Faustino sóbe para cima da commoda; Antonio Domingo agarra-se a Pimenta, e rolam juntos pelo chão quando Faustino sahe; e Maricota cahe desmaiada na cadeira onde cosia).

PIMENTA (rolando pelo chão agarrado com Antonio). E' o demonio!!...

ANTONIO. Vade-retro, Satanaz!!... (estreitam-se nos braços um do outro, e escondem a cara).

CHIQUINHA (chega-se para Maricota). Mana? que tens? Não falla! está desmaiada! Mana? Meu Deus! Sr. capitão faça o favor de dar-me um copo com agua.

CAPITÃO (de cima da commoda). Não posso lá ir.

CHIQUINHA (á parte). Poltrão! (para Pimenta) Meu pai acuda-me! (chega-se para elle e o chama tocando-lhe no hombro).

PIMENTA (gritando). Ai! ai! ai! (Antonio ouvindo Pimenta gritar grita tambem).

CHIQUINHA. E esta? não está galante? O peor é estar a mana desmaiada! Sou eu, meu pai. Sou Chiquinha. Não se assuste. (Pimenta e Antonio levantam a cabeça pouco a pouco).

PIMENTA. Qu' é d'elle? Já se foi?

CHIQUINHA. Já, sim senhor. (*Pimenta e Antonio levantam-se cautelosos*).

ANTONIO. Não o vejo!...

CHIQUINHA (*para o capitão*). Desça; que vergonha! não tenha medo. (*o capitão principia a descer*). Ande, meu pai, acudamos a mana (*ouve-se dentro o grito de leva! leva! como costumam os moleques, quando arrastam os judas pelas ruas*).

PIMENTA. Ahí vem elle!!... (*Ficam toños immoveis na posição em que os sorprehendeu o grito; isto é: Pimenta e Antonio ainda não de todo levantados; o capitão com uma perna no chão, e outra na borda de uma das gavetas da commoda, que está meia aberta; Chiquinha esfregando as mãos de Maricota para reanimal-a; e os meninos nos lugares que occupavam. Conseravam-se todos silenciosos até que se ouve o grito exterior — morra — em distancia*).

CHIQUINHA (*em quanto os demais estão silenciosos*). Meu Deus, que gente tão medrosa! e ella neste estado! o que hei de fazer? Meu pai? Sr. capitão? não se movem! Já tem as mãos frias... (*Apparece repentinamente á porta Faustino ainda com os mesmos trajos; salta no meio da sala e vai cahir sentado na cadeira que está junto á mesa. Uma turba de garotos e moleques armados de páos entram apoz elle gritando:— Pega no Judas! pega no Judas!—Pimenta e Antonio erguem-se rapidamente, e atiram-se para*

a extremidade esquerda do theatro, junto aos candeeiros da rampa; o capitão sóbe de novo para cima da commoda; Maricota vendo Faustino na cadeira, separado della sómente pela mesa, dá um grito, e foge para a extremidade direita do theatro; e os meninos sahem aos gritos de debaixo da mesa, e espalham-se pela sala. Os garotos param no fundo junto á porta; e vendo-se em uma casa particular cessam de gritar.)

FAUSTINO (*cahindo sentado*). Ai! que corrida! Já não posso! Oh! parece-me que por cá ainda dura o medo. O meu não foi menor vendo esta canalha. . . Safa, canalha! (*os garotos riem-se, e fazem assuada*). Ah! o caso é esse? (*levanta-se*) Sr. Pimenta? (*Pimenta ouvindo Faustino chama-o encolhe-se e treme*). Treme! Ponha-me esta corja no olho da rua. . . Não ouve?

PIMENTA (*titubeando*). Eu, senhor!

FAUSTINO. Ah! não obedece? Vamos que lhe mando—da parte da policia (*disfarçando a voz como da vez primeira*).

ANTONIO. Da parte da policia!. . . (*para Pimenta*) Vá! vá!

FAUSTINO. Avie-se! (*Pimenta caminha receioso para o grupo que está no fundo, e com bons modos o faz sahir. Faustino enquanto Pimenta faz evacuar a sala continúa a fallar.—Para Maricota*): Não olhe assim para mim com os olhos tão arregalados que lhe podem saltar fóra da cara. De que serão esses olhos? (*para o capitão*) O' lá!

valente capitão! está de poleiro! Desça. Está com medo do papão? U! ú!... Bote fóra a espada que lhe está atrapalhando as pernas. É um bello boneco de louça! (*tira o chapéo e os bigodes, e os atira no chão*). Agora ainda terão medo? Não me conhecem?

TODOS (*excepto Chiquinha*). Faustino!!

FAUSTINO. Ah! já! cobraram a falla! Temos que conversar. (*Põe uma das cadeiras no meio da sala, e senta-se. O capitão, Pimenta e Antonio dirigem-se para elle enfurecidos; o primeiro colloca-se á sua direita, o segundo á esquerda e o terceiro atraz; fallando todos tres ao mesmo tempo. Faustino tapa os ouvidos com as mãos*).

PIMENTA. Occultar-se em casa de um homem de bem! de um pai de familia, é acção criminosa; não se deve praticar! As leis são bem claras. A casa do cidadão é inviolavel! As autoridades hão de ouvir-me. Serei desaffrontado!

ANTONIO. Surprender um segredo é infamia! e só a vida paga certas infamias! entende? O senhor é um mariola! Tudo quanto fiz e disse foi para experimental-o. Eu sabia que estava ali occulto. Se diz uma palavra, mando-lhe dar uma arrochada.

CAPITÃO. Aos insultos respondem-se com as armas na mão! Tenho uma patente de capitão que deu-me o governo, hei de fazer honra a ella! O senhor é um cobarde! Digo-lhe isto na cara! Não me mette medo! Ha de ir preso! Ninguem

Capitão

me insulta impunemente! (*Os tres á proporção que fallam, rão reforçando a voz e acabam bramando*).

FAUSTINO. Ai! ai! ai! ai! que fico sem ouvidos.

CAPITÃO. Petulancia inqualificavel... Petulancia!...

PIMENTA. Desaforo sem nome... Desaforo!!

ANTONIO. Patifaria! patifaria! patifaria!! (*Faustino levanta-se rapidamente, batendo com os pés*).

FAUSTINO (*gritando*). Silencio!! (*Os tres emudecem e recuam*) que o Deus da linha quer fallar! (*assenta-se*). Puxe-me aqui estas botas (*para Pimenta*). Não quer? Olhe que o mando da parte da... (*Pimenta chega-se para elle*).

PIMENTA (*colerico*). Dê cá!

FAUSTINO. Já (*dá-lhe as botas a puxar*). De vagar! Assim; (e digam lá que a policia não faz milagres). (*para Antonio*). Ah senhor meu? Tire-me esta casaca. Creio que não será preciso dizer da parte de quem... (*Antonio tira-lhe a casaca com muito máo modo*). Cuidado! não rasgue o traste, que é de valor. Agora o collete (*tiralh'o*). Bom.

CAPITÃO. Até quando abusará da nossa paciencia!

FAUSTINO (*voltando-se para elle*). Ainda que mal lhe pergunte, o senhor aprendeu latim?

CAPITÃO (*á parte*). Hei de fazer cumprir a or-

ordem de prisão. (*para Pimenta*) chame dous guardas.

FAUSTINO. Que é lá isso? Espere lá! Já não tem medo de mim? então ha pouco quando se empoleirou era com medo das botas? Ora! não seja criança, e escute. (*para Maricota*) Chegue-se para cá. (*para Pimenta*) O Sr. José Pimenta do Amaral, cabo d'esquadra da guarda nacional, tenho a distincta de pedir-lhe a mão de sua filha a Sra. D. Maricota... ali para o Sr. Antonio Domingo.

MARICOTA Ah!

PIMENTA. Senhor!

ANTONIO. E esta!

FAUSTINO. Ah! não querem? torcem o focinho? Então escutem a historia de um barril de paios, em que...

ANTONIO (*turbado*). Senhor!

FAUSTINO (*continuando*). Em que vinham escondidos...

ANTONIO (*aproxima-se de Faustino e diz-lhe á parte*). Não me pérca! Que exige de mim?

FAUSTINO (*á parte*). Que se case e quanto antes, com a noiva que lhe dou. Só por este preço guardarei silencio.

ANTONIO (*para Pimenta*). Sr. Pimenta, o senhor ouviu o pedido que lhe foi feito; agora o faço eu tambem: concede-me a mão de sua filha?

PIMENTA. Certamente... é uma fortuna... não esperava... e...

FAUSTINO. Bravo!...

MARICOTA. Isto não é possível!.. Eu não amo ao senhor!...

FAUSTINO. Amará

MARICOTA. Não se dispõe assim de uma moça! Isto é zombaria do Sr. Faustino.

FAUSTINO. Não sou capaz!

MARICOTA. Não quero! não me caso com um velho!...

FAUSTINO. Pois então não se casará nunca; porque vou já d'aqui gritando (*gritando*) que a filha do cabo Pimenta namora como uma damnada; que quiz roubar... (*para Maricota*) Então quer que continue, ou quer casar-se?

MARICOTA (*á parte*). Estou conhecida! Posso morrer solteira... um marido é sempre um marido... (*para Pimenta*) Meu pai, farei a sua vontade...

FAUSTINO. Bravissimo! Dito par! amorosos pombinhos. (*Levanta-se toma Maricota pela mão e a conduz para junto de Antonio, e falla com os dous á parte*). Menina, aqui tem o noivo que eu lhe destino: é velho, baboso, rabugento, e usurario; nada lhe falta para sua felicidade. E' este o fim de todas as namoradeiras! ou casam com um gebas como este, ou morrem solteiras! (*para o publico*) Queira Deus que aproveite o exemplo! (*para Antonio*) Os falsarios já

não morrem enforcados; lá se foi esse bom tempo! Se eu o denunciasse, ia o senhor para a cadeia, e de lá fugiria, como acontece a muitos da sua laia. Esse castigo seria muito suave: eis-aqui o que eu lhe destino (*apresentando-lhe Maricota*) é moça, bonita, ardilosa, e namoradeira, nada lhe falta para seu tormento. Esta pena não vem no código; mas não admira, porque lá fallam outras muitas cousas. Abracem-se, em signal de guerra! (*impelle um para o outro*) Agora nós, Sr. capitão! Venha cá. Hoje mesmo quero uma dispensa de todo o serviço da guarda nacional: arranje isso como puder, quando não, mando tocar a musica... não sei se me entende?

CAPITÃO. Será servido. (*á parte*) Que remedio; pôde perder-me.

FAUSTINO. E se de novo bulir commigo, cuidado! quem me avisa... sabe o resto! Ora, meus senhores e senhoras, já que castiguei, quero tambem recompensar. (*Toma Chiquinha pela mão, e colloca-se com ella em frente de Pimenta, dando ás mãos como em acto de se casarem*). Sua benção, querido pai Pimenta, e seu consentimento!

PIMENTA. O que lhe hei de eu fazer, senão consentir!

FAUSTINO. Optimo! (*abraça a Pimenta e dá-lhe um beijo. Volta-se para Chiquinha*) Se não houvesse aqui tanta gente a olhar para nós, sa-

zia-te o mesmo. (*dirigindo-se ao publico*) Mas não o perde, que fica guardddo para melhor occasião.

Silvia Carrasco

4/4/94

FIM.

A' VENDA NA LIVRARIA DE A. A. DA CRUZ COUTINHO, RUA

DE S. JOSE' N. 75.— RIO DE JANEIRO.

- Alzira ou os americanos*, tragedia em 5 actos.
Ambições de um eleitor, comedia em 2 actos.
Ambrosina, drama em 5 actos.
Amemos o nosso proximo, comedia em 1 acto.
Amelia, drama em 3 actos.
Amigos (os) intimos, comedia em 4 actos.
Amor e honra, drama em 2 actos.
Amor e firmeza, drama em 4 actos.
Amor de madrastra, comedia em 1 acto.
Amores de um marinheiro, comedia em 1 acto.
Amor proprio mal cabido, comedia em 1 acto.
Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto.
Abamoacara, tragedia em 4 actos.
Abel e Caim, comedia-drama em 3 actos.
Abençoada diabrura, comedia em 1 acto.
Abençoada Resignação, drama em 3 actos.
Abnegação, drama em 4 actos.
Abençoadas lagrimas, drama em 3 actos.
Abençoados infortunios, comedia-drama em 3 actos.
Affonso III, ou o valido d'El-Rei, drama em 5 actos.
Agostinho de Ceuta, drama em 4 actos.
Alfageme de Santarem, drama em 5 actos.
Agonia e conforto, drama em 3 actos.
Alvaro de Abranches, drama em 4 actos.
Alvaro da Cunha, ou o cavalleiro d'Alcacer-quivir
drama em 5 actos.

- André fabricante*, drama em 3 actos.
- Angelo tirano de Padua*, drama em 3 jornadas.
- Antes quebrar que torcer*, drama em 3 actos.
- Antes na provincia*, comedia em 3 actos.
- Aristocracia e dinheiro*, comedia em 3 actos.
- Arrependimento salva*, drama em 1 acto.
- Associação (a) na familia*, comedia em 2 actos.
- A' tarde entre a murta*, comedia-drama em 3 a.
- Avarento (o)*, comedia em 5 actos.
- Afilhada (a) do Barão*, comedia em 2 actos, por M. Leal.
- Anjo (o) Maria*, drama em 3 actos.
- Amor e marmellos*, comedia em 1 acto.
- Anna Barraca*, comedia em 1 acto.
- Ambos sem calças*, farsa em 1 acto.
- Afficções d'um perdigoto*, comedia em 1 acto.
- Anjo (o) da paz*, comedia em 2 actos.
- A' porta da rua*, farsa em 1 acto.
- Boa desforra*, comedia em 1 acto.
- Bom (o) homem de outro tempo*, comedia em 1 acto.
- Banhos (os) das Caldas*, comedia em 2 actos.
- Barão de Trenck*, comedia em 2 actos.
- Beata (a) de Mantilha*, comedia em 1 acto.
- Bernardo na lua*, farsa em 1 acto.
- Barba azul*, opera burlesca em 3 actos.
- Brazileiras (as)*, comedia-drama em 3 actos.
- Bravo de Veneza*, comedia em 1 acto.
- Bons fructos de ruim arvore*, drama em 3 actos.
- Bandido (o)*, scena comica.

- Casamento clandestino*, comedia em 5 actos.
- Carlos ou a familia do avaro*, comedia em 4 actos.
- Cagliostro, ou os Carbonarios*, drama em 4 actos.
- Castello (o) de Montouvier*, drama em 5 actos.
- Casado por commodidade*, comedia em 1 acto.
- Casamento (o) de Figaró, ou as Loucuras de um dia*
comedia em 1 acto.
- Captivo de Fez*, drama em 5 actos.
- Casa (a) Maldita*, drama em 4 actos.
- Cego (o)*, drama em 5 actos.
- Cerração no mar*, scena dramatica.
- Cigano (o)*, drama em 5 actos.
- Cigana (a)*, drama em 5 actos.
- Chale de cachemira*, comedia em um acto.
- Clara Hartouwe*, drama em 3 actos.
- Club Godepan*, comedia em 1 acto.
- Cynismo, Septicismo e Crença*, comedia-drama 2 act.
- Compadre Suzano*, comedia em 5 actos.
- Como se sóbe ao poder*.
- Como se descobrem marcellas*, comedia em 1 acto.
- Costureira (a)* comedia em 1 acto.
- Corda Sensivel*, comedia em 1 acto.
- Cora, ou a escravatura*, drama em 5 actos.
- Criada (a) diplomata*, comedia em 1 acto.
- Cruz (a)*, comedia em 3 actos.
- Crime (o) ou 20 annos de remorso*, drama em 5 act.
- Consequencias do carnaval*, comedia em 1 acto.
- Culpa e arrependimento*, drama em 4 actos.

- Cavalleiro da casa vermelha*, drama em 5 actos.
- Casar para não morrer*, comedia em 1 acto.
- Casamento do filho do vaqueiro*, comedia em 1 acto.
- Cada louco com sua mania*, comedia em 1 acto.
- Capitão Bittertin*, comedia em 1 acto.
- Casal das Giestas*, drama em 5 actos.
- Carlos III, ou a inquisição em Hespanha*, drama 4 at.
- Caixaieiro honrado e negociante ladrão*, drama em 3 at.
- Caixaieiro (o) da taverna*, comedia em 1 acto.
- Camões (o) do Rocío*, comedia em 3 actos.
- Casamento e despacho*, comedia em 3 actos.
- Como os anjos se vingão*, novo drama em 1 acto, por
Camillo Castello Branco.
- Condemnado (o)*, drama em 3 actos.
- Cantor (o) improvisado*, comedia em 2 actos.
- Coelho Furtado!*, scena comica.
- Caridade (a) na sombra*, drama em 3 actos.
- Cautela com as Cautelas*, comedia em 1 acto.
- Cavalleiro (o) S. Jorge*, comedia em 3 actos.
- Corôa (a) de Louro*, comedia em 2 actos.
- Coronel (o)* comedia em 1 acto.
- Douđa (a) de Montmayour*, drama em 5 actos.
- Differentes educações*, comedia em 1 acto.
- Dragão (o) de Chaves*, comedia em 1 acto.
- Duas (as) bengalas*, comedia em 1 acto.
- Dous (os) maridos*, comedia em 1 acto.
- Diabo (o) atraz da porta*, comedia em 1 acto.
- Da, alil* drama em 4 actos.

- Erros da mocidade*, comedia em 3 actos.
Entre a cruz e a caldeirinha, comedia em 1 acto.
Espinhos e flôres, comedia em 2 actos.
E' melhor não experimentar, comedia em 1 acto.
Episodios (os) de um noivado, drama em 4 actos.
Esperteza de rato, comedia em 1 acto.
Filho (o) do Povo, drama em 3 actos.
Filhos (os) dos trabalhos, drama em 4 actos.
Falta (a) de miudos, comedia em 1 acto.
Fabia, tragedia em 3 actos.
Flôres e fructos, comedia em 4 actos.
Figuras (as) de cera, comedia em 1 acto.
Fallar verdade a mentir, comedia em 1 acto.
Historia de um pataco, comedia em 1 acto.
Ha tantos assim!... comedia em 1 acto.
Homens (os) serios, comedia-drama em 4 actos.
Homem (o) põe e Deus dispõe, comedia em 2 actos.
Homens do Povo, comedia-drama em 2 actos.
Harpa (a) de Deus, drama em 4 actos.
Homem (o) das cautelas, comedia em 2 actos.
Herança (a) do chanceller, comedia em 3 actos.
Historia de um ramo, comedia em 1 acto.
Historia de um homem bonito, comedia em 1 acto.
Ha tantas assim!... comedia em 1 acto.
Historia de um pataco, comedia em 1 acto.
Ha tantos assim, comedia em 1 acto.
Homens (os) Ricos, comedia-drama em 5 actos.

- Fallar verdade a mentir*, comedia em 4 actos.
Historia de uma moça rica, drama em 4 actos.
Homens do mar, drama em 4 actos.
José do Telhado, drama em 1 acto.
Meia hora de cynismo, comedia em 1 acto.
Mysterios do Alcazar, drama.
Morgadinha (a) de Val-flôr, drama.
Menino Monclar, scena comica.
Negação da Familia, drama em 4 actos.
Novissima Castro, scena comica.
Novisso, comedia em 3 actos.
Pedro, drama em 5 actos.
Poder do Ouro, drama em 4 actos.
Prazeres e Dôres, comedia em um acto.
Punição, drama em 3 actos.
Pupilla (a) dos negros Nagás, ou a Forca do Sangue, dr.
Remissão de peccados, comedia em 5 actos.
Rocambote Junior, comedia em 1 acto.
Sorpreza de Evora, drama em 3 actos.
Sr. (o) Domingos fóra do serio, scena comica.
Sarrabulho (o), scena comica.
Supplicio e copos, scena comica.
Ser apresentado, comedia em 1 acto.
Typos da actualidade, comedia em 2 actos.
Traga (o) Moças, opera comica em 4 actos.
Um par de mortos na vida de um par, comedia 1 acto.
Viuva (a) do meu amigo, comedia em 1 acto.
Voluntarios (os) da honra, comedia-drama em 2 actos.